

DESENCANTAMENTO E BARBÁRIE: A MORAL NA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

Francisco Luciano Teixeira Filho

No prefácio da *Dialética do Esclarecimento*, redigido em maio de 1944, Theodor Adorno e Max Horkheimer apresentam a pergunta de partida para o livro citado: “por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”¹?

Ora, tal pergunta parece ser descabida, retórica ou redundante. Explico: se pergunto sobre o progresso da barbárie, em detrimento da humanização, numa tal sociedade que promete a barbárie, a questão se torna vazia. Não se esperava nada além da barbárie, nessa tal sociedade. Por que eu colocaria a humanização como alternativa contrariada pela barbárie? Numa sociedade que só promete a barbárie, uma questão como essa só tem sentido se for do ponto de vista da utopia, onde me pergunto sobre como seria da sociedade se não fosse assim, mas de outra forma. Feito isso, produzo uma fantasia e comparo com o real. O resultado é um patético: por que somos assim e não desse jeito?

Todavia, não parece ser essa a proposta da *Dialética do esclarecimento*. Adorno e Horkheimer parecem propor algo mais material, concreto, histórico, onde a utopia tem um modo bem peculiar de ser. Como faria sentido perguntar sobre o progresso da barbárie, em detrimento da humanização, sem uma fantasia utópica? Se a pergunta é feita do ponto de vista de uma sociedade que promete a humanização, mas oferece a barbárie, de algum tipo. Em outras palavras, a pergunta inicial da *Dialética do esclarecimento* só tem sentido porque ela é feita do ponto de vista de uma sociedade que, desde muito tempo atrás, promete livrar o homem da barbárie, da mitologia, do domínio das forças selvagens da natureza, e levá-lo ao esclarecimento, ao controle do selvagem, à progressiva substituição da primeira natureza pela segunda. Porém, mais do que isso, o que dá sentido à pergunta inicial da obra estudada é o contraditório da promessa com o que se verifica na história. O esclarecimento tem criado novos espaços e novas formas de barbárie. A técnica que controlaria a natureza selvagem, criou, ao longo do progresso do esclarecimento, uma economia dos corpos torturados, uma administração do massacre, uma ciência do extermínio em massa, a pacificação por meio de instrumentos químicas, biológicas e nucleares.

¹ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985., p.11.

Não faz sentido, uma pergunta como aquela apontada acima? Quando se identifica o progresso da barbárie numa sociedade que se rege pelo projeto universal do esclarecimento, então perguntar pelo aprofundamento da barbárie, em diversas novas formas, faz sentido. Adorno e Horkheimer, portanto, partem da constatação de que, na era do esclarecimento, a barbárie tem progredido, assumindo diversas facetas de domínio e controle da natureza. Em outros termos, o projeto próprio do esclarecimento – o controle e o domínio da natureza – torna-se, exatamente, o meio pelo qual a barbárie atravessa a soleira da modernidade e se instala nas nossas sociedades. Na forma de esclarecimento, a barbárie ganhou terreno, tanto no campo subjetivo, quanto no objetivo, fazendo progredir o inumano mediante a técnica de controle daquilo que é propriamente humano: sua natureza externa e interna. Nas palavras de Adorno e Horkheimer, “o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie”².

Cabe, agora, perguntar sobre o esclarecimento – o que é isso? Antes de entrar na discussão propriamente dita, precisamos delimitar algumas questões metodológicas: 1) esclarecimento só pode ser entendido como dialética do esclarecimento; 2) o esclarecimento se define como tal em acordo com sua finalidade específica; 3) o conteúdo ou modelo do esclarecimento se apresenta dentro de sua dialética própria; 4) entender a dialética do esclarecimento conforme sua finalidade e seu conteúdo faz perceber que o processo de esclarecimento remonta as origens das sociedades humanas, todavia, encontrou diversos modelos, dialeticamente conflitantes. Vejamos isso mais de perto.

Adorno e Horkheimer definem o esclarecimento conforme sua finalidade: “o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores”³. A natureza se apresenta perante o homem como uma poder independente dele, capaz de lhe ceifar a vida, de privá-lo dos modos de existência, enfim, trata-se de um domínio de incertezas e inseguranças. O esclarecimento, portanto, é exatamente o modo como o homem supera esse estado de medo, constituindo alguma forma específica de controle e domínio da natureza.

Ora, essa definição de esclarecimento conforme o seu fim pode ser estendida até os mais remotos modos de vida da humanidade. Levamos às últimas consequências, como podem perceber, a afirmação de que “os mitos que caem vítimas do

² Ibidem, p. 43.

³ Ibidem, p.19.

esclarecimento já eram o produto do próprio esclarecimento”⁴. Com isso, temos que concordar que os sacerdotes e suas magias, os xamãs e suas porções, os totens, as pinturas que visavam acalmar o desconhecido, a imolação aos deuses, a ciência experimental, enfim, todas essas expressões humanas são formas de controlar o incontrolável fluxo da natureza e de estabelecer um determinado domínio sobre esse movimento temerário da mesma. O que os modifica não é a sua finalidade, mas os seus conteúdos específicos, de tal forma que a substituição de uma modelo por um outro cria o processo de dialética do esclarecimento, cujo o mito superado, em cada tempo, também foi um esclarecimento.

Seguindo o caminho inverso da obra estudada, que parte do esclarecimento moderno e voltam aos mitos já esvaziados, vamos caminhar aqui da origem do esclarecimento até sua forma atual. Para tanto, buscaremos resumir, agora, as características mais gerais dos conteúdos do esclarecimento:

1) A origem do esclarecimento é a mímese, a imitação dos próprios movimentos da natureza como forma de controlá-la. Assim, a forma de manipular a natureza é copiar os seus fenômenos, ou seja, “a igualdade é o seu instrumento”⁵. Por exemplo, a máscara horrorosa como expressão do horror é o modo como os sacerdotes buscavam dominar o próprio horror; “o xamã esconjura o perigo com a imagem do perigo”⁶ etc. Ou seja, poder copiar era sinônimo de poder controlar. Nesse sentido, o conteúdo próprio desse modelo de esclarecimento é a reprodução da imagem da natureza como forma de dominá-la, em seu misterioso influxo. Trata-se da expressão por meio de símbolos identitário, onde separação entre significante e significado não tem sentido de ser. Isso quer dizer que essa forma expressão simbólica é sempre tautológica, mas não como um $A = A$, onde cada conteúdo é expresso por meio do seu representante, o signo “A”. Na verdade, trata-se de uma identidade entre signo e coisa, cada nome apresentando exatamente o seu conteúdo⁷. Isso implica que não há separação entre o mundo linguístico e o mundo das coisas, ou melhor, o “que o primitivo sente como algo de sobrenatural não é nenhuma substância espiritual oposta à substância material, mas o emaranhado da natureza em face do elemento individual”⁸. O que se apresenta é o fenômeno singular do mana da natureza, ou seja, a substância de “tudo o que é

⁴ Ibidem, p.23.

⁵ Ibidem, p. 19.

⁶ Ibidem, p. 30.

⁸ Ibidem, p. 29.

desconhecido, estranho: aquilo que transcende o âmbito da experiência, aquilo que nas coisas é mais do que sua realidade já conhecida”⁹.

2) O mana da natureza exprime a superioridade da natureza diante do homem antigo. Ele é a expressão das próprias forças intrínsecas da natureza, cuja sobre se estendia sobre o homem selvagem e causavam-no medo. Esse temor, no processo de esclarecimento, levou a uma explicação anímica do próprio desconhecido, a fim de nomeá-lo, delimitá-lo. Quando o homem selvagem passou a ver a natureza não mais como simplesmente natureza, mas como natureza e espírito, surge uma contradição entre linguagem e mundo: a coisa é aquilo que ela é e algo mais. Ou seja, quando a imagem da natureza apresenta a si mesma, como sua identidade, e a outra coisa, um espírito qualquer, surge a contradição entre linguagem e mundo: a linguagem passou a não mais expressar diretamente o mundo, mas tornou-se o seu dizer geral.

Nesse momento, o que temos é o esclarecimento que passou a usar a divindade para explicar os fenômenos da natureza. A identidade simbólica dos xamãs e dos sacerdotes são substituídas pelos mitos fundadores que buscavam explicar aquilo que para o xamã era apenas o desconhecido. Nesse momento da dialética do esclarecimento, “os deuses separam-se dos elementos materiais como sua suprema manifestação”¹⁰; a personalidade de cada divindade expressa algum fenômeno da natureza, de forma universal. Esse fenômeno se coaduna com a linguagem, que se torna diferente do seu objeto, embora aponte para ele como sua representação universalizada. Ou seja, Zeus, por exemplo, não é o deus *deste* trovão, mas deus da forma de ser de todo trovão, ou melhor, deus da “*trovoidade*”. A partir da introdução dos deuses como representações universais de fenômenos naturais, temos o surgimento do signo, enquanto representação da coisa, do fenômeno, de forma universal. Tal modificação nas formas linguísticas foi o elemento central da nossa civilização ocidental, que tornou possível tanto a filosofia e quanto as ciências.

3) Para Adorno e Horkheimer, “o programa do esclarecimento era desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber”¹¹. A nossa forma particular de vida esclarecida se impõe, por seu próprio modo de operação, a todos as outras formas de esclarecimento anteriores, impossibilitando qualquer zona de penumbra perante o império da racionalidade

⁹ Ibidem, p. 28s.

¹⁰ Ibidem, p. 23.

¹¹ Ibidem, p. 19.

calculativa, cujo valor de verdade é dado pelo sucesso técnico. A presente afirmação pode ser decomposta em quatro características:

A) *Extensão universal*: o esclarecimento moderno se estende sobre todos os cantos do mundo, tornando tudo seu objeto. Nada lhe escapa, pois “o esclarecimento é totalitário”¹²

B) *Missão pedagógico*: o esclarecimento deseja ser esclarecimento para o homem, ou seja, deseja livrá-lo da mitologia, torna-lo senhor e possuidor da natureza, dá-lo a maioria. Por essa razão, o esclarecimento também se torna militante, ou melhor, o imperativo do esclarecimento em ensinar o homem a ser autônomo.

C) *Redução à abordagem matemático do real*: “para o esclarecimento, aquilo que não se reduz a número e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão”¹³. Dito de outra forma, a única dimensão do mundo admissível pela esclarecimento é aquela que pode ser acompanhada em todas as suas partes, analisada em todos os seus pormenores e, portanto, aquela que cria modelos de previsão para qualquer acontecimento do mundo.

D) *Finalidade técnico*: toda forma de conhecimento produzido pela razão deve ter uma finalidade técnica. Ou seja, todo conhecimento deve progredir até resultar em alguma forma de controle da natureza, de produção de bens, de domínio do corpo ou da mente humana. Tratamos, aqui, de uma racionalidade puramente instrumental, onde “o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito”¹⁴. Por essa razão, “a técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos de imagens, nem prazer do discernimento, mas o método”¹⁵.

E) *Conceito pragmático de verdade*: toda a verdade possível, no mundo plenamente esclarecido, é aquela proveniente da racionalidade instrumental, ou melhor, do conhecimento que foi transformado em forma de manipulação efetiva da natureza. Por isso, “o que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama ‘verdade’, mas a ‘*operation*’, o procedimento eficaz”¹⁶.

Como falamos acima, o processo de desencantamento total deve ser o conteúdo próprio do esclarecimento moderno. Todavia, o significado disso deve ser mais preciso, a saber: “desencantar o mundo é destruir o animismo”¹⁷. As formas míticas de esclarecimento eram sempre dotadas de halos de mistério, de um animismo que tornava

¹² Ibidem, p. 22.

¹³ Ibidem, p. 23.

¹⁴ Ibidem, p. 21.

¹⁵ Ibidem, p. 20.

¹⁶ Ibidem, p. 20.

¹⁷ Ibidem, p. 20.

a natureza um espaço de incerteza, portanto, de medo. Mas o esclarecimento tem o fim próprio de livrar o homem do medo. Por essa razão, o esclarecimento moderno não admite tal perspectiva anímica e nenhuma outra que resulte numa região de não previsibilidade. Tudo deve ser desencantado, vazio de sentido externo à própria coisa singular, posto que “a natureza desqualificada torna-se a matéria caótica para uma simples classificação”¹⁸.

Deste modo, não se pode buscar causas ocultas, determinações metafísicas, mas o procedimento específico do esclarecimento é o do primado da forma, do método, da instrumentalização do pensamento, cujo objetivo é eliminar qualquer resquício de misticismo pelo controle técnico, em dois sentidos: 1) a natureza do homem precisa ser modelada conforme as exigências do esclarecimento, tornando-o tão eficiente e produtivo quanto o possível; 2) os horizontes de mistério que existem na natureza são transformados em objeto das ciências e completamente esclarecidos, previstos e controlados. Isso quer dizer que a natureza interna e externa do homem são enquadrados no processo de racionalização.

A consequência dessa decisão pela racionalidade instrumental é que “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e a probabilidade”¹⁹. A queda dos horizontes de sentido levam consigo a última barricada que impedia o progresso da barbárie. Assim, a moral cai como vítima do desencantamento, esvaziada pelo programa radical do esclarecimento do mundo. O motivo moral torna-se vazio de significado, uma vez que uma tal teoria que aponte para valores, virtudes, telos, bom, justo, enfim, não pode ser enquadrada no programa da razão esclarecida.

A razão instrumental descarta os elementos de sentido, motivos de toda a ética. Nessa perspectiva, o que impediria a um cientista de testar a mudança de pigmentação dos olhos de uma criança por meio da injeção de anil? Por que não criar técnicas para melhorar a eficácia do genocídio? O que impede a criação de armas que podem destruir cidades, matando sua população? Qual o embargo de produzir gases que tornam a própria necessidade de respirar uma atitude mortal?

Com isso, percebe-se que o pensamento esclarecido não consegue ser nada mais do que a repetição do fato, da manipulação. Ao fim e ao cabo, o esclarecimento continua sendo tautológico e mimético, tal qual o mito original. Todavia, o conteúdo do

¹⁸ Ibidem, p. 24.

¹⁹ Ibidem, p. 21.

seu mimetismo é restringido pelo procedimento lógico-matemático do pensamento direcionado a fins. Não obstante, na apoteose do esclarecimento, “que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado”²⁰. Enfim, “o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar”²¹, posto que é incapaz de dar um só passo para fora da barbárie.

O desencantamento, destituído de todo e qualquer sentido que não seja o sucesso prático, traz consigo a barbárie, exatamente porque ele é incapaz de se contrapor a ela. Por essa razão, “as forças éticas, perante a razão científica, são de fato impulsos e comportamentos não menos neutros do que as forças aéticas”²². Dito de forma diferente, perante a razão instrumental, um impulso no sentido de agir de acordo com a lei moral tem o mesmo valor operacional, dentro de uma descrição de fatos, que promover um genocídio.

Eis, portanto, que o mundo completamente esclarecido, profundamente desencantado, vê-se impotente perante o progresso da barbárie, desta vez com novos instrumentos, concebidos no bojo do próprio esclarecimento. Isso pois o homem burguês, personificado em Ulisses, seu protótipo, se livra daquela instância do desconhecido que estava plenamente coerente com os símbolos originais do esclarecimento, tratados acima, “com um gesto impetuoso da autoconservação, do sacrifício que só oferece a quem lhe concede um saber útil para sua vida”²³. Ora, o processo já foi descrito acima: desde quando a linguagem passou a ser significativa, a universalidade, característica de toda linguagem, vem pesando sobre as coisas particulares, até o ponto em que o próprio universal passou a ser a verdade das coisas. No momento do total desencantamento, porém, o próprio universal é consumido pelo esclarecimento, dando lugar ao puro procedimento lógico-matemático da racionalidade instrumental. É nesse instante em que todo o sentido, toda a verdade, toda a moral, enfim, se tornam sinónimos de mito.

É chocante o diagnóstico do nosso tempo realizado pela *Dialética do esclarecimento*. A sensação é de que o chão se desfaz sob nossos próprios pés. A falta de sentido do mundo nos é imposta pela leitura. Mas não é esse o caso.

²⁰ Ibidem, p. 38.

²¹ Ibidem, p. 39.

²² Ibidem, p.85.

²³ Ibidem, p. 77.

A obra de Adorno e Horkheimer, de fato, promove um diagnóstico extremamente pessimista da realidade, desde dentro do próprio esclarecimento. Contudo, isso é feito tendo em vista a proposta de que o pensamento “tome consciência de sua própria culpa”²⁴. Tal consciência se torna possível mediante a reflexão, sem a qual o esclarecimento sela seu destino na barbárie. Tendo tomado consciência da dialética do esclarecimento, é possível redirecionar os caminhos para as formas de expressão do mundo que não sejam reducionistas. É preciso recuperar, portanto, o elemento mimético da linguagem. Imitar a natureza naquilo que ela tem de mais profundo. Não retornar ao estado selvagem, mas reconciliar-se com a natureza. O “como” desse projeto, não é objeto da filosofia de Adorno e Horkheimer. Toda imposição de programas de ação resultaram em barbárie, já que radicalizam aquela opressão da linguagem sobre as coisas. A única garantia dada pelos autores é aquela que remonta a insubmissão da natureza: “o impulso mimético”²⁵. É esse impulso expressivo, que deseja sempre mais e mais expressar algo que ainda não foi expresso, que apresenta a condição de superação do nosso estado de coisas. Não é que o mimetismo tenha que reaparecer. Na verdade, desde o homem primitivo até nossos dias, a imitação nunca se distanciou dos nossos comportamentos. Para Adorno e Horkheimer, “a mímica indisciplinada é o ferrete da antiga dominação, impresso na substância viva dos dominados e, graças a um inconsciente processo de imitação, transmitida na mais tenra infância de geração em geração, do belchior judeu ao banqueiro”²⁶.

Por fim, vale destacar que a moral, contra a barbárie, tem seu fundamento nesse impulso para o mimetismo. A visão do sofrimento, seja de uma unha quebrada até o horror do campo de concentração, provoca no homem a mesma reação, o mesmo impulso de sentir em si o sofrimento do outro. Virar a cara, a careta, o arrepio, a lágrima, enfim, são impulsos do corpo humano diante do horror. Ora, não há nenhum outro motivo para a moral.

²⁴ Ibidem, p. 12.

²⁵ Ibidem, p. 171.

²⁶ Ibidem, p. 170.